

Pasto utilizado com racionalidade permite elevar significativamente a lotação UA/hectare

A palavra-chave:

PRODUTIVIDADE!

Só com tecnologia o segmento do leite superará a armadilha da pobreza e terá a lucratividade que garantirá a sobrevivência da atividade

Duarte Vilela

Já se tornou comum dizer que a expansão da fronteira agrícola brasileira não se dará sobre as florestas, mas sobre pastagens degradadas. É fácil entender o porquê. Segundo o censo do IBGE em 2017, o País tem 149,6 milhões de hectares de pastagem para alimentar 171,8 milhões de cabeças, o que equivale a, aproximadamente, 94,5 milhões de Unidade Animal – UA, ou seja, uma taxa de lotação de 0,63 UA/ha. A pesquisa nacional é rica em dados indicando que sistemas mais intensivos de produção animal alcançam taxas cinco vezes maiores a esta, significando que esse mesmo rebanho caberia hoje em, aproximadamente, 34 milhões de hectares. Esse resultado é uma demonstração clara de possível ganho real em produtividade.

Estima-se que grande parte da área de maior concentração de atividade pecuária no Brasil esteja com baixa produtividade, com a qualidade do pasto abaixo do esperado e gerando prejuízos econômicos e ambientais. Para exemplificar: dos 58,9 milhões de hectares de pastagens cultivadas no Cerrado, há indicativos de que 50% a 60% desta área encontram-se com algum grau de degradação.

Reincorporar áreas ao segmento produtivo deve compor a agenda de governo e ter como meta recuperar pastagens degradadas nos próximos anos. Se for considerada a incorporação de tecnologias disponíveis para recuperar um milhão de hectares de pastagens degradadas, segundo a Embrapa, pode-se projetar acréscimo anual na produção de leite de 9,6 milhões de toneladas. Identificar e mapear pastagens e solos degradados e a localização exata dessas áreas é o primeiro passo para se implementarem medidas para sua recuperação.

A exploração intensiva de pastagens é um importante fator promotor do aumento da produtividade animal e que alavanca a eficiência econômica do sistema, liberando áreas para outras

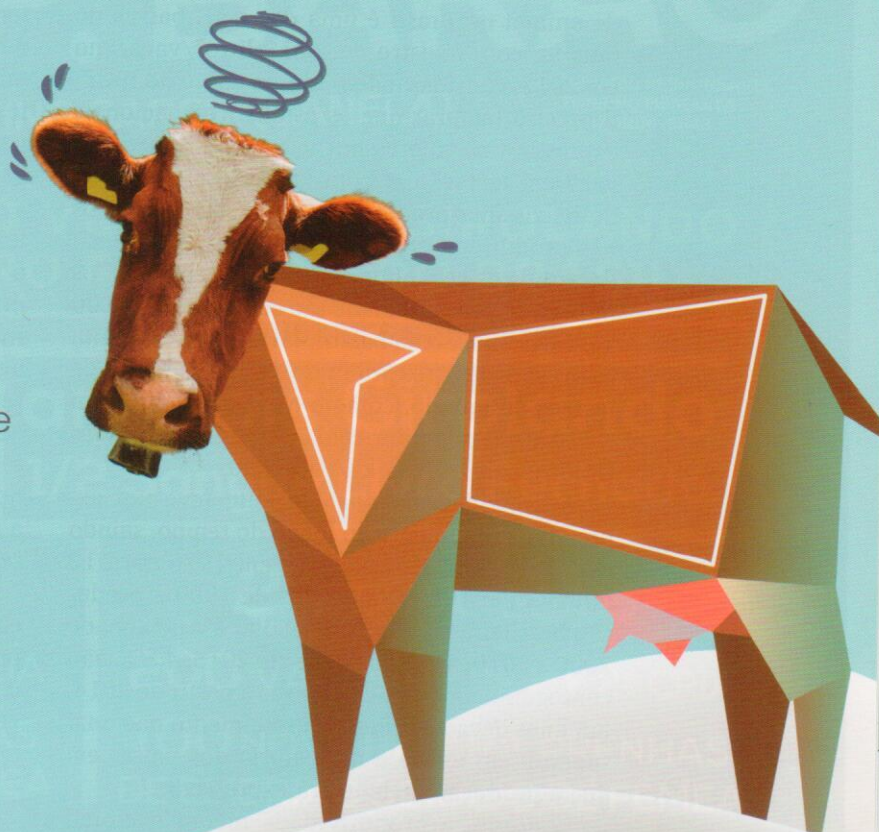
INTERLEITE SUL 2019



QUAL SERÁ O PRÓXIMO SALTO DA PRODUÇÃO DE LEITE?

8 & 9 DE MAIO DE 2019 | CHAPECÓ - SC

PARTICIPE DO
PRINCIPAL EVENTO
TÉCNICO E DE
MERCADO DA
PECUÁRIA LEITEIRA
NO SUL DO BRASIL!



Acesse: www.interleite.com.br/sul e
FAÇA SUA INSCRIÇÃO!

Para mais informações:
eventos@agripoint.com.br
(19) 3432-2199

Realização



AGRIPOINT

Patrocinador Ouro

CLAAS

DeLaval



Patrocinador Prata



Allflex
Livestock Intelligence

BASF
We create chemistry

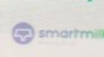
Patrocinador Bronze



gensur



CCGL



atividades agrícolas. Então: a palavra-chave é produtividade! Não é a toa que o Brasil é o maior produtor mundial de carne, o terceiro de grãos e o quarto de leite de vaca.

No caso da pecuária de leite, algumas tecnologias podem atuar pontualmente na produtividade de determinado fator. Por exemplo, a mecanização é capaz de elevar diretamente a produtividade da mão de obra; o manejo do pasto (fertilização, irrigação e gramíneas mais produtivas) incrementa a produtividade da terra; a genética e a nutrição aumentam a produtividade da vaca. No entanto, as tecnologias não atuam isoladamente, se complementam e potencializam seu efeito de forma sinérgica podendo gerar impacto significativo na eficiência técnica e econômica do sistema produtivo.

É interessante perceber que a produtividade animal no Brasil é uma das mais baixas do mundo, com registro de 2.512 litros/vaca/ano em 2017, considerando o último censo do IBGE. É preciso lembrar que as estatísticas nacionais expressam os valores por vaca total, e não por vaca em lactação e, com isso, muitos animais de baixíssima produção de leite, ou mesmo os não produtivos, entram na estatística. Se considerarmos os rebanhos comerciais nacionais, os índices de produtividade são superiores a 3.200 kg/vaca/ano, ainda baixos, levando-se em conta os principais países produtores e exportadores de lácteos do mundo, como a Nova Zelândia, com 4.119 kg; a Argentina, com 5.500 kg, e os Estados Unidos, com 10.150 kg/vaca/ano.

A produção nacional de leite teve um expressivo crescimento ao longo do tempo, saindo de 7,9 milhões de toneladas em 1975 para 12 milhões em 1985. Na década de 1990 a produção brasileira cresceu, em média, 4% ao ano; de 2000 a 2010, 4,2% ao ano, e até 2013, 4,5%, não conseguindo manter estas taxas a partir de 2014. Em duas décadas e meia o crescimento nacional superou em muito o da maioria dos países em que a produção de leite era expressiva.

Contudo, a produtividade média nacional cresceu menos que a de outros países, em decorrência do grande número de propriedades em sistemas de baixo nível tecnológico. Os estabelecimentos produtores de leite somam hoje 1.171.190, segundo o IBGE, uma redução de 13% frente aos dados do Censo de 2006. Se pen-

As tecnologias se complementam e potencializam seus efeitos de forma sinérgica para gerar a eficiência do sistema produtivo

sarmos apenas nas fazendas comerciais, ou seja, aquelas que produzem e vendem leite e/ou derivados, estima-se que sejam aproximadamente 830 mil, e a tendência de queda continua. Se a taxa de evasão se mantiver, estima-se que em 2025 o número de produtores será próximo de 450 mil.

Projeções do mercado até 2025 indicam que o Brasil terá

um crescimento médio anual de apenas 1,4% na produtividade animal. No entanto, se levarmos em consideração os avanços tecnológicos, caminhando para um modelo de produção tecnificada e em menor número de propriedades especializadas, projeta-se crescimento anual de 3,2%, decorrente exclusivamente do ganho de produtividade, com o rebanho mantendo-se constante ou crescendo a uma taxa de apenas 1%. Na realidade, o rebanho leiteiro nacional tem decrescido desde 2013. Era de 21,7 milhões de vacas ordenhadas frente a pouco mais de 19 milhões de cabeças em 2016, o que reforça a tese de que a evolução da oferta de leite nacional tem sido preponderantemente devido aos ganhos de produtividade.

Não há dúvida sobre a evolução da pecuária leiteira nacional nas últimas cinco décadas, o que colocou o Brasil entre os países com maior potencial de expansão na produção de leite. Devido ao seu histórico de sucesso no agronegócio, o País é um candidato natural a ser exportador de lácteos. Mas, para que isso aconteça, o setor precisa fazer o dever de casa e seguir os exemplos exitosos de setores que hoje geram *commodities* como a soja, o milho, a carne, entre outros. Tecnologia tropical nós temos para isso.

Destacamos por fim que é surpreendente a força da nossa tecnologia em explicar o crescimento da produção e da produtividade e, conseqüentemente, da variação da renda bruta do produtor, sendo que 70% das contribuições no aumento da produção são

oriundas da aplicação desta. Sem tecnologia não há como escapar da armadilha da pobreza, e sem lucratividade, não há atividade que sobreviva. **BB**



Duarte Vilela é Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

BALDE BRANCO

ANO 54 • NÚMERO 652 • ABRIL/2019 • R\$ 11,00 • WWW.BALDEBRANCO.COM.BR



VAGÃO MISTURADOR
DE RAÇÃO TOTAL

Boas práticas no uso: mais
eficiência e vida útil maior



AMAZONAS Construindo o futuro do leite

Projeto de incentivo à produção leiteira – alternativa importante para os pequenos produtores – está promovendo um choque de genética ao tornar mais acessível a transferência de embriões (TE)

SERRAMAR

75 anos crescendo
junto com seus
cooperados

ENTREVISTA

EDUARDO PENA
Conseleite-MG: benefícios
para a cadeia do leite

REPRODUÇÃO

Anestro: problema
que merece atenção
constante